

LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR PAULO SARASARTE EM SÃO CRISTOVÃO/SE

OLIVEIRA, Tânia Maria Souza de

souzadeoliveira1@yahoo.com.br

MACEDO, Thainan Anita Gomes Santos

thaieannabeatriz@hotmail.com

MARANHÃO, Isabel de Alencar

isamaranhao@hotmail.com

ARAUJO, Maria José de Azevedo

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal de Sergipe,

Professora do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes.

azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

As tradições da escola ainda hoje têm sido preservadas, pois ela utiliza uma metodologia embasada nas práticas tradicionais de ensino, onde a leitura está voltada apenas para decifrar e decodificar a lingüística. A leitura tem sido uma repetição ou reprodução de sentidos que se opõe e não um processo dinâmico, democrático e produtivo. Hoje o leitor tem sido aquele que apenas é capaz de decodificar o código lingüístico, mas na verdade sua formação surgiu antes mesmo dele chegar a escola. Verificando as dificuldades que os alunos têm na escrita por falta de prática de leitura, deixando certo desespero por não conseguirem bons resultados ou resultados satisfatórios nas disciplinas escolares, percebemos a necessidade de desenvolver este trabalho. Todas as disciplinas exigem que se tenha um raciocínio lógico no momento de interpretar as questões estudadas. Foram esses fatores que nos levaram a desenvolver uma pesquisa que pudesse analisar os fatos que proporcionam a deficiência da leitura em alunos nas quintas séries do ensino fundamental. O campo de pesquisa escolhido foi a escola da rede pública Estadual do Centro de São Cristovão – SE, baseado na pesquisa de campo, procurando encontrar um entendimento entre pesquisadores de modo a produzir um conhecimento sobre o problema, buscando as respostas para as questões de pesquisa. Em vista disso foi usada uma metodologia que possibilitasse a execução da pesquisa, que foi dividida em dois momentos diferentes: o primeiro momento, composto da parte documental, e o segundo momento, que consiste a fase de coleta de dados. No que se refere ao primeiro

momento, ou seja, na parte documental começa um estudo explorando a parte teórica que de maneira abrangente retrata a questão em análise, o que nos levou a direcionar as categorias gerais, construindo assim um referencial teórico. No segundo momento coleta de dados – iniciamos com o contato com os professores de leitura, elemento da pesquisa. O universo de estudo foi formado por todos os professores que lecionam a língua portuguesa (leitura) da escola referida anteriormente. Pode-se concluir pelo que foi desenvolvido neste trabalho que o êxito na formação de um leitor se dá pelo equilíbrio entre esses aspectos do ato de ler: gosto e necessidades. No entanto, a escola por alguns motivos, tem falhado na formação de verdadeiros leitores. Portanto, para formar leitores, são necessárias condições favoráveis para a prática de leitura, não se referindo apenas aos recursos disponíveis, como livros e demais materiais. É necessário construir na escola uma política de formação de leitores, na qual todos possam contribuir, dando sugestões para que possa se desenvolver uma política constante de leitura que envolva todo um conjunto da unidade escolar.

PALAVRAS – CHAVES: Escola, leitura, leitores.

ABSTRACT

The school has been, still today, the guard of traditions therefore it uses a methodology embarrassed in practical the traditional ones of education, where the reading is come back only toward decipher and linguistic decoding. The reading has been mere repetition or reproduction of institutionalized directions, and not a dynamic, democratic and productive process. Currently, the reader has been that one that only is capable to decode the code linguistic, when in the truth the formation of the reader happens before exactly of it to arrive at school. Observing the difficulties that the pupils have in the writing due to the practical one of reading, leading to the times to the desperation for not obtaining good resulted or satisfactory results in them you discipline demand that if it has a reasoning logical in the hour to interpret studied questions. They had been these aspects that in had taken them to develop a research that came to analyze the factors that propitiate the deficiency of reading in pupils of the fifth series of basic education. The chosen field of research had been the schools of the state public net of the quarter Airport in Aracaju - Sergipe. Based in the principles of the research - actio, we search to find an interactive involvement between researchers - searched, in order to produce a true knowledge on the problem, searching the answers for the research questions. In sight of this, a methodology was used that made possible the execution of the research, that oi understood at two differentiated moments: the first moment, made up of the documentary part and as the moment consist the phase of collection of data. As for the first moment, that is, the documentary part, we initiate a exploratorio study, guided for theoreticoans who of including form portray the question in analysis what in he took them to direct the general categories, constructing therefore the theoretical referencial. In as the moment - it collectsof data - we enter in contact with the reading professors, citizens of research. The study universe was constituted by all the professors who previously lecionam portuguese language (reading) of the cited school. We can conclude, by what it was developed in this work that the success in the formation of a reader if of the one for the

balance enters these two aspects of the act to read: taste and necessity. However, the school for diverse reasons, as failed in the attainment of true readers. Therefore, to form readers it requires favorable conditions for the practical one of reading, if not restricting only to the resources available, as books and excessively material. It will be necessary to construct in the school one politics of formation of readers, in which all can contribute with suggestions to develop one practical constant of reading that involves the set of the pertaining to school unit.

KEYS-WORD: school, reading, readers.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, o domínio pela leitura descreve o homem num determinado meio sociocultural, sendo valorizado como distintivo de sua cultura o falar bem e o saber desenvolver um tema qualquer com clareza. É sinal do nível de pensamento e do seu grau de cultura, assim como saber expor seus pensamentos com organização e lógica argumentando e defendendo as suas próprias idéias, justificando seus pontos de vista ao aceitar ou recusar uma proposta, principalmente em se tratando de pessoas de classes mais baixas.

Dificuldades na leitura, dislexia, cegueira às palavras, cegueira verbal são termos utilizados para determinar um mesmo problema: as dificuldades de processar símbolos que afligem muitas crianças e adolescentes. Diante da importância do tema educacional é que este trabalho pretende entender os fatores que levam a deficiência da leitura em alunos das quintas séries do ensino fundamental.

Seja por deficiência da educação familiar ou mesmo na educação infantil, a verdade é que é muito grande o número de alunos das quintas séries do ensino fundamental que possuem dificuldades em coordenar os símbolos gráficos e dá sentido às palavras e frases, entendendo o contexto do que está escrito. Por muitas vezes, são mais fáceis de serem

entendidos do que imaginam os professores, que muitas vezes vêem o problema como deficiência na aprendizagem do aluno.

Acontece que geralmente os alunos são vítimas do próprio sistema de aprendizagem, da inadequação dos livros para leitura e de outros fatores. Neste trabalho, todos os aspectos servirão como base para um possível entendimento do problema.

Levando em consideração a importância da formação de leitores ativos e eficientes, em relação aos usos e interesses que podem existir em relação à leitura, este estudo teve como objetivo os fatores que levam a deficiência da leitura de alunos das quintas séries do ensino fundamental, percebendo os fatores que propiciam esta deficiência, pesquisando os métodos de ensino, estudando os que mais facilitam o estímulo pela leitura e identificando as dificuldades de leitura desses alunos.

1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O INDIVÍDUO SOCIALIZADO

Sabe-se que no Brasil, mais precisamente na região nordeste, a prática de leitura não é uma atividade realizada por toda a população estudantil e pela sociedade como um todo. Vem sendo comprovado que a classe dominante não permite uma democratização da leitura. O alto índice de analfabetismo, o reduzido poder aquisitivo, a falta de compromisso na condução de uma política educacional e cultural séria eficiente e a grande influência dos meios de comunicação são fortes relacionados ao problema, tornando-o cada vez mais grave.

A problemática da leitura não tem um único culpado, mas o seu cerne está no princípio da educação escolar ou da educação doméstica, ou seja, na infância, pois o homem adquire o gosto pela leitura a partir dessa fase, e é nessa época que se inicia o hábito por ela, que deve ser incentivado. A escola deve criar possibilidades de desenvolver estruturas básicas para seus desempenhos plenos, conscientes e críticos.

Levando em consideração a importância da formação de leitores ativos e eficientes, principalmente em relação aos usos e interesses que podem existir em relação a leitura, o estudo tem como objetivo analisar os fatores que levam a deficiência da leitura em alunos das quintas séries do ensino fundamental, observando os fatores que propiciam esta deficiência, pesquisando os métodos de ensino, estudando os que mais facilitam a apreensão da leitura e identificando as dificuldades desses alunos.

Na antiguidade, antes da invenção da imprensa, reservava-se a pouquíssimas pessoas o privilégio da leitura e mesmo depois do humanismo no século XVI E XVII, era um produto que somente tinha acesso uma elite culta. No mundo moderno, o domínio de leitura circunscreve o homem num determinado meio sociocultural, sendo valorizado como um distintivo de sua cultura. A concepção de leitura gerada no meio escolar tem sido nefasta para o aprendizado das habilidades lingüísticas.

Para que haja realmente leitura, é necessário que o educando não só aprenda a ler, isto é, compreenda e saiba interpretar o que está escrito, como também saiba procurar informações que precisa nas fontes de leitura. Segundo Vygotsky (1999, p. 97), aprendizado não é desenvolvido, entretanto o aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que outra forma, seria impossível de acontecer.

Qualquer área de estudo só se desenvolve com leitura, com preparação do aluno para pensar, interpretar e ter iniciativas. É de grande relevância para o conhecimento do mundo aquilo que nos cerca e as experiências que vivenciamos, pois armazenamos em blocos na nossa memória inúmeras informações. Elas são crucial importância para o estabelecimento da coerência, porque se o texto apresenta assuntos desconhecidos pelo receptor, este não conseguirá calcular-lhe sentido nem coerência.

A leitura é um dos mais eficazes atos humanos de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, pois é uma forma de trabalhar com a linguagem e trabalhar com o homem. Ninguém duvida da importância da leitura; o indivíduo que lê está contribuindo para o seu enriquecimento pessoal e para sua compreensão do mundo: paralelamente o crescimento econômico e social de uma nação depende em grande parte do grau de instrução de seu povo. (Banberger, 2002).

Fator importante é a corrente de estímulos visuais que fizeram para crianças na forma de história em quadrinhos, e em contrapartida, restringem o potencial de experiência lingüística, enfraquecendo os poderes imaginativos da mente.

Outros benefícios oriundos da leitura é o de favorecer a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidade mais justa de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, aumentando a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

1.1 Dificuldades de Leitura

Estamos acostumados a encontrar muitas controvérsias quando falamos em educação. Apesar de todas as divergências, nenhuma teoria nega a importância do aprender a ler e de todas as suas implicações para o futuro de uma criança. Este papel fundamental da leitura é reconhecido pela escola, que a coloca como um dos principais objetivos de suas ações educacionais não porque seja importante somente do ponto de vista acadêmico, mas essencialmente porque é importante fora do ambiente escolar.

Neste sentido, um dos principais papéis designados a escola é formar bons leitores, caso isto não aconteça, a formação não terá tido sucesso, uma vez que a maior parte

do conhecimento que alguém pode ter em sua vida será por meio da leitura, mesmo fora da escola (Ferreiro, 1992).

Segundo o ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio relativo ao ano de 2002, a educação básica pública ou privada, no Brasil, é uma fábrica de excluídos e de maus leitores. Falta aos jovens o domínio da leitura, isto é, ler e entender o que Lê. Como já foi apontada, a própria escola com suas propostas de ensino e sua forma de abordar a aprendizagem.

Abundantes são os estudos publicados sobre as dificuldades de leitura. De forma geral, os estudiosos afirmam que o ato de ler se inicia quando um sujeito, através de sua percepção, toma consciência de documento escrito existente no mundo. Ao buscar a internacionalidade, o sujeito se abre para a possibilidade de significação para proposições de mundo que os signos do documento reproduzem ou sugerem. Essa iniciação e prosseguimento, contudo podem apresentar grandes dificuldades.

1.2 - O que é Deficiência de Leitura?

Segundo Ferreiro (1997.p: 31), a natureza interativa do processo da leitura e a capacidade limitada da memória fazem com que o leitor use todos os recursos que tem a mão, quer dizer programe seu processamento. Esta programação inclui a utilização de estratégias particulares, desse modo, um problema de leitura pode ser resultado do uso de uma estratégia inadequada em uma tarefa particular de leitura. É possível que em uma série de requisitos pode a vir a interferir, de modo favorável ou desfavorável, no desenvolvimento de competência de leitura e no interesse por ela.

Por outro lado, existem fatores relativos a competência cognitiva e o conhecimento lingüístico, como identificação e o reconhecimento de palavras, o acesso ao significado, a intregação de aspectos sintéticos e semânticos e uma consciência estrutural

fonológica das palavras. Há de se considerar por outro lado a tradição cultural da leitura em um determinado grupo social, o qual o papel atribuído ao livro em termos educacionais, e as oportunidades de leitura e de acesso a livros.

Segundo Drouet (1995, p,87) “existem pelo menos sete fatores que são fundamentais para a aprendizagem se efetive: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação ou maturidade, inteligência, concentração e memória.”

Para Lajolo (1997, p, 100) “também pode ser apontada variável individual que correspondem a características pessoais do aluno, como é o caso, por exemplo, de seu conhecimento sobre o assunto lido, as condições socioeconômicos da família e, é possível que algumas crianças, um deficiente no processamento básico possa conduzi-las a utilização de uma estratégia inadequada.

A dislexia é a incapacidade parcial de o aluno ler e compreender o que lê, apesar da inteligência normal, audição ou visão normal e de terem oriundos de lazer adequado, isto é não possuem privação de ordem doméstica ou cultural da leitura escrita, mas não as orais; lentidão nas tarefas de leitura e escrita; escrita incorreta, dificuldades de associação; dificuldades em nomear objetos; tarefas, etc.

As maiorias das dificuldades na leitura provem da incapacidade geral para aprender; imaturidade na iniciação de aprendizagem da leitura; alterações no estado sensorial e físico; problemas emocionais; carência cultural e métodos de aprendizagem defeituosos (DROVE, 2003). A dislexia tem componente genético, exceto em caso de acidente o cérebro vascular (A.C. V). Ser disléxico é condição humana e como tal é princípio do ensino o respeito às diferenças individuais.

2 AS DIFICULDADES APRESENTADAS PELOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM RELAÇÃO À LEITURA.

Atualmente, os diversos estudos a respeito do processo de leitura mostram que não se deve ensinar por meio de praticas sentidas na decodificação. Por conta da concepção equivocada de que ler é converter leras em sons, a escola vem criando grandes leitores capazes de decodificar textos, mas com enormes dificuldades para compreender o que lêem.

Aprender a ler não se resume a ver capaz de codificar e de dar sentido as palavras. Juntamente com o aspecto que podemos considerar. As dificuldades dos alunos em lidar com símbolos gráficos apresentam alguns sintomas específicos: a leitura manifesta-se entrecortada, com omissão e invenção de silabas: As ordens das letras aparecem invertidas; há confusão com parecidas, etc. A existência de alguns sintomas tornam os alunos tensos, ansiosos, querendo demonstrar que entende tudo como os outros colegas.

Segundo Martins, em os excluídos do mundo da leitura, nas instituições de ensino, aparentemente brilhante e muito inteligente não podem ler, escrever, nem boa ortografia para a idade. Possuem baixo nível de compreensão leitura ou ortografia ainda é fonética, (baseada na fala) e inconstante.

2.1 Fatores que Prejudicam a Aprendizagem

A escola e o sistema social do qual esta fazem parte, tem acorrentado prejuízo a aprendizagem livre e criativa. O sistema social em que vivemos tem produzido uma escola inadequada ao desenvolvimento da criança limitando-a quando a criatividade, capacidade critica e visão real das desigualdades sociais. É um fato que a escola, ao invés de adaptar-se

aos alunos, tem agido no sentido dos alunos se adaptarem a ela. Assim se a escola é fruto de um sistema social injusto, imprime nos alunos tal modelo.

Geralmente a escola não leva em consideração a situação familiar, o número de irmãos e as educações familiares que podem muitas vezes dificultar a aprendizagem escolar, isto é que as escolas desconhecem essa situação particular e trata os alunos como se fossem todos iguais, com os mesmos problemas, as mesmas aspirações, etc.

Este prejuízo pode se estender mais, por não levar em consideração as características do aluno: sua maturidade, seu ritmo pessoal, seus interesses e aptidões especificam seus problemas nervosos e orgânicos. Dentro das instituições escolares existem vários fatores que podem afetar a aprendizagem. O professor, a relação entre alunos, os métodos de ensino e o ambiente escolar. Qualidade como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitudes democráticas facilita a aprendizagem e deve ser o portal principal de um professor.

A diversificação da estrutura familiar, pois nem todos os alunos pertencem às famílias com pai, mãe, Com recursos suficientes para terem uma vida digna. As características individuais dos alunos também é um fator que pode afetar a aprendizagem por isso cabe ao professor adaptar as atividades de sala de aula a essas características individuais. É errado supor que todos os alunos de uma turma tenham o mesmo nível de maturidade, igual ao ritmo de aprendizagem, interesses e aptidões. Dessa forma, não convém esperar de todos os mesmos desempenhos e a realização das mesmas atividades da mesma maneira.

As condições sociais dos usuários das escolas públicas refletem significativamente no rendimento. A necessidade de completar a renda familiar ocupando-se muitas vezes em serviços informais provoca o desinteresse escolar. O culturalismo, ou seja, as linguagens difundidas nos livros didáticos estão dissociadas do contexto do dia a dia dos alunos de camadas que financeiramente são inferiores.

É gritante a falta de verbas para a manutenção das escolas públicas, a distancia entre os que fazem o dia a dia escolar e daqueles que planejam o destino da educação pública em situação difícil vale observar, como exemplo, o que a centralização administrativa e burocracia são impedimentos à concretização de uma boa política pública de educação.

A opinião pública culpa alguns profissionais. A prática de acomodação e absorção das ideologias dominantes puras e simples coloca alguns educadores num estado de desleixo esperando apenas a sua aposentadoria futura. Há continuamente ocupados com diversas atividades, o que agrava cada vez mais a crise na educação brasileira.

2.2 Métodos de Ensino de Leitura

O Indivíduo se constitui como leitor quando tem oportunidade de interagir com variados gêneros de textos que proporcionem apropriação de diferentes conhecimentos a partir de sua inter-relação com a língua materna de forma significativa, em que estejam presentes os valores de sua vivência e cultura. O ato de ler está inteiramente ligado ao prazer e a construção do conhecimento e opiniões a respeito do que se leu sobre este mundo. A leitura é uma decifração, pois o leitor decifra a escrita, entende a linguagem e decodifica as implicações que o texto tem para refletir e, assim forma sua própria opinião sobre o que leu.

Segundo Kleinan (2000) a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização que o leitor faz, na leitura, do conhecimento lingüístico, textual e do mundo. Para chegar à compreensão do que se leu e, conseqüentemente, para apreender algo novo a partir da leitura realizada, é necessário que os conhecimentos prévios sejam ativados durante a leitura, e preciso que o leitor indague, questione, busque, e procure identificar os aspectos relevantes de um texto, encontre pistas e perceba os caminhos que o texto sugere.

Paulo Freire (1992, p: 86) elaborou uma proposta de alfabetização conscientizadora, cujo principio básico pode ser traduzido numa frase que ficou celebre: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Prescindindo a utilização de cartilhas, desenvolveu um conjunto de procedimentos pedagógico que ficou conhecido como método Paulo Freire. Este método descarta a memorização de palavras e sílabas e o uso de cartilhas já prontas. Tem como base o trabalho e a discussão em grupo. A fase inicial é o levantamento do universo. Palavra de maior sentido emocional e expressões típicas regionais e ligadas ao nível de cada integrante.

Os métodos e os conteúdos tradicionais de ensino tornaram-se arcaico em face da nova realidade social, conseqüentemente da industrialização e da urbanização crescente. A expansão dos meios eletrônicos de comunicação e os avanços dos conhecimentos científicos exigem cada vez mais, o uso competente da escrita como condição para a efetiva participação social.

A lei 9.394/96 recomenda a pratica de leitura de textos literários, de imprensa, de divulgação científica de publicidade. Sugere aos professores que use em suas aulas preferivelmente o conto, a crônica, poemas, artigos e notícias de jornais, editorial, enciclopédias, relatórios de experiências e textos de propagandas.

A metodologia de leitura decorre dos trabalhos com o texto, considerando em primeiro lugar, seus diferentes tipos, pois ele pode abrigar formas variadas de expressão e, em segundo lugar, sua adequação ao leitor, dependendo, de um lado, da inteligibilidade do material, e outro, da maturidade e disponibilidade do sujeito.

3 O HÁBITO DE LER

Um exame das variações dos hábitos de leitura de uma nação para outra demonstra que o lugar ocupado pelos livros na escola de valores dos responsáveis pela sua promoção é de primeira importância: Todas as autoridades do estudo, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiser contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado a fase do seu desenvolvimento (Banberger, 2000, p: 18)

A formação do gosto pela leitura deve começar muito cedo. Já na família, cabendo à escola dar continuidade ao trabalho, no entanto, a grande maioria das famílias brasileira, mergulhadas em dificuldades econômicas, não dispõe de recursos para a compra de livros. Considerando-se esta realidade, a escola passa a ser o local onde se pode inculcar no aluno o hábito de ler. É necessário mostrar e conscientizar a população escolar que o ato de ler, por trabalhar o intelecto, a sensibilidade, imaginação: por construir-se em fonte de criatividade prazer e fonte de atualização, concorrer para a formação do homem consciente e atuante, questionador e fazedor do seu tempo.

3.1. A Leitura Coletiva

A indicação de um livro por bimestre, pelo professor, para que toda a classe leia e depois desenvolva algumas atividades em torno, é uma das situações mais concorrentes em nossa escola. A idéia é interessante, pois permite a todos uma base comum de leitura, o debate, a troca de idéias, tão necessárias à transformação do leitor crítico. Com quanto o método a ser utilizado depende do professor e do material de leitura disponível, certos

princípios fundamentais são sempre relevantes. Promoção de prontidão para leitura em todos os níveis.

Embora fosse anteriormente defendida com o estado em que a criança está pronta para aprender a ler, hoje se tentam determinar a prontidão em todas as faces de desenvolvimento, a fim de fixar o padrão de ensino de leitura para cada aluno. A própria prontidão pode ser influenciada em todos os níveis. Na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre os livros de gravuras é de extrema importância para o desenvolvimento do vocabulário da leitura.

3.2 Como Facilitar a Leitura.

O professor tem um papel fundamental no desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura. A motivação é peça importante para aproximar o leitor do livro, usando técnicas específicas que promovam essa integração. Inculcar nos alunos a importância da leitura é muito produtivo. A prática regular é pré-condição para formação do leitor.

O livro deve ser transformado num instrumento de diálogo entre o mundo da experiência individual e o mundo da palavra. Assim se consegue dar os primeiros passos para a formação de leitores sensíveis, capazes de enxergar o complexo mundo em que vivemos. É lendo que nos tornamos leitores. É fundamental que o professor leia diferentes gêneros de textos para e com os alunos, fazendo com que a vida da aula proporcione situações de leitura simultaneamente efetivas e diversificadas de forma que a criança compreenda que a leitura se faz presente na vida cotidiana.

Como apontar Maria Santiago em *Escola Pública de Primeiro Grau* (Paz e Terra, 1990) é comum e natural que os alunos das camadas populares que frequentam a escola

publica desconheçam suas histórias de vida, suas datas de nascimento, quando na maioria das vezes o apelido continua substituindo o nome dos sujeitos, mesmo quando a prática da aferição da frequência é rotineira na escola. Esse fato demonstra a pouca importância que a escola atribui ao conhecimento de si próprio, a identificação dos sujeitos para que se possam situar-se na vida e na história e relacionar-se com os outros. Isso confirma a relação unilateral que é a Tónica em nossas escolas e comprovam que a linguagem do aluno não transita nas atividades formais da escola, não se articula, nem se utiliza como conteúdo, menos ainda como experiência.

Dentro do processo social de apropriação se podem distinguir pelo menos três, dimensões diferentes relacionadas com a leitura, conforme seja referida ao sistema de escrita em si dos usos escolares da língua ou, ao acesso a outros conhecimentos mediante a língua escrita. Em cada caso provê, ensina ou exige o contexto escolar é distinto e, provavelmente, a atividade cognitiva do aluno integra diferencialmente a experiência escolar referente a cada dimensão.

No primeiro caso o “objeto de conhecimento” é o sistema de escrita em si, assim como os suposto que deve manejar o leitor para poder usar a língua escrita. Os alunos enfrentam – se com este objeto, como com muitos outros de seu mundo e tentam a partir da lógica de seu desenvolvimento cognitivo, “descobri-lhe o sentido”. O processo implica conhecer, progressivamente diversas características dos sistemas, desde a natureza alfabética da escrita, até as restrições léxicas e sistemáticas implícitas na maioria dos textos lidos ou solicitados na escola. Ademais para atingir a categoria de leitor competente o aluno deve aprender a ler com maior eficiência, isto implica sacrificar a precisão na produção oral do texto lido e antecipar o sentido, emprestar significado ao texto a fim de poder compreendê-lo através de unidades maiores.

O sistema de uso escolar deriva algumas de suas regras ou conteúdo implícitos de sua inserção na estrutura de relações sociais que caracteriza a instituição que outorga autoridade ao docente, assim como de outros processos e funções escolares como a socialização para certo tipo de trabalho, presente nas mesmas atividades e cuja intenção é transmitir conhecimento. O pressuposto é de que ao fazer coisas se conhecem as características do objeto, até certo ponto o contato escolar com livros e utensílios de escritas efetivamente possibilita a apropriação da leitura.

Descobrir e aceitar a natureza das experiências que as crianças e os adultos tem fora da escola e ao mesmo tempo desenvolver as praticas de lecto-escritas e os programas nas escolas constitui um importante passo para que os alunos se apropriem da leitura e para estabelecer uma ponte entre as praticas de leitura do lar, da escola e da comunidade. Ensinar não pode ser mero processo de transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal, pois ao estudo critico corresponde igualmente ao ensino critico, que demanda necessariamente uma forma critica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e leitura do contexto. (Freire, 1997).

Atualmente, os diversos estudos a respeito do processo de leitura indicam que não se deve ensinar a ler por meio de praticas centradas na decodificação. Por conta da concepção equivocada de que ler é converter letras em sons, a escola vem produzindo grandes leitores capaz de decodificar textos, mas com enormes dificuldades para compreender o que Lêem.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Portanto a escola deve preservar a natureza e complexidade da leitura sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, com as diferentes formas de leituras em função de diferentes objetivos e gêneros.

É necessário, de certa forma, agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler com autonomia é onde reside a possibilidade, com a ajuda dos já leitores, de aprender a ler pela prática da leitura.

Trata-se, portanto, de uma situação de aprendizagem que requer do aluno uma atividade reflexiva, a qual favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se como principal parceiro, agrupando seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles procurando garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração conseqüente da própria aprendizagem.

3.3 Condições Para o Desenvolvimento da Leitura

A escola enquanto instituição de ensino deve criar políticas de formação de leitores na qual todos possam participar, não por obrigação, mas por prazer, podendo contribuir com sugestão para desenvolver uma prática constante de leitura envolvendo todo o conjunto da unidade escolar, utilizando –se das diversas formas de leitura.

“O conhecimento lingüístico, o conhecimento textual o conhecimento do mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes se juntam discretas para fazer o significado”. (Kleimam, 2000, p.26) A escola deve ajudar o aluno a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-lo a leitura de um texto que circulam no social e não limitá-lo a de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-lo a ler. Criar um centro de

circulação e produção. Local esse de circulação e produção da informação, de animação e consulta da escrita.

3.4 Tipos de Leitura

Leitura autônoma: através dela o aluno vivencia situações de leitura com crescente independência da mediação do professor, aumentando a confiança em si como leitor e encorajando-se para aceitar desafios mais complexos.

Leitura colaborativa: esta estratégia didática, em que o professor Lê um texto com a turma questionando os índices lingüísticos, é de grande importância para a formação de leitores principalmente para sua compreensão crítica.

Leitura em voz alta pelo professor: professores são bons modelos de leitores, através da leitura compartilhada de livros e ou textos, poesias..., despertariam até mesmo alunos de séries mais avançadas.

Leitura programada: a leitura programada é ideal para se discutir coletivamente um título considerado difícil para alunos, permitindo reduzir parte da complexa tarefa, compartilhado a responsabilidade.

Leitura de escolha pessoal: a leitura de escolha pessoal é de grande relevância para estimular o aluno a ler, permitindo interesse pelo ato de ler e estimulado a liberdade de escolha. Os alunos escolhem o que desejam ler, comentam e sugerem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades, é possível resgatar o leitor da palavra, pois formar um leitor competente é formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler. Por

vários motivos muitos alunos não têm contato sistemático com a leitura de qualidade e com adultos leitores. A escola, então se torna o único veículo de interação desses alunos onde, por sua vez, por diversos motivos tem falhado na formação de verdadeiros leitores.

Isso acontece, por um lado, por apresentar uma total ineficiência em aplicar uma metodologia adequada de ensino de leitura e por outro, pela imensa deturpação dos conteúdos veiculados nos livros didáticos. Tal problemática tem levado educadores e pais a inquietarem-se buscando definir novos horizontes de possibilidades, que propiciem um ensino que leve em conta as necessidades fundamentais do educando. Esta questão tem chamado a atenção, devido a uma aprendizagem cada vez mais deficiente da linguagem.

Se a escola está trabalhando os contextos lingüísticos dissociados do contexto cultural dos alunos e os professores não contribuem com uma ação pedagógica que possam aguçar alunos leitores, concluímos que a causa desta situação – problema é a coerência de um trabalho que envolva escola, professores e alunos, direcionando-os para a construção de uma política de formação de leitores.

Para inverter esse quadro, a escola deve organizar em função de um novo conceito de leitura, supondo a adoção de um renovado processo de aprendizagem. A mudança do sistema Escolar e da prática pedagógica não vem apenas de melhores teorias, de materiais mais adequados ou de informações mais acessíveis ao professores. Melhorar a pedagogia da leitura é, em longo prazo, uma questão política, vinculada a um desejo de mudança.

A melhor técnica de incentivo a leitura é aquela que deixa o aluno a vontade para escolher o que vai ler, pois o que realmente importa é que o aluno progrida na leitura e que ele encontre o prazer e o sentido nos múltiplos contatos com a língua. Ler, por se tratar de uma atividade que aponta para o diálogo e a construção supõe a abertura para o mundo. Portanto, não pode ser um ato rigidamente preso a modelos e imposições. A leitura permite ao

individuo exercitar sua dimensão transformadora, o que, contraditoriamente, costuma chocar-se contra os paradigmas.

A leitura representa um papel importante no processo de comunicação e informação. Nesse sentido, as conclusões e as propostas apresentadas neste estudo promoveram o hábito de ler e que este também serviu de orientação e estímulo para o aluno. Que essa aprendizagem seja uma tarefa permanente na busca da compreensão de Ada um.

Dentre os pré-requisitos aqui apresentados para o ensino e a dinamização da leitura escolar, o trabalho do professor merece maior atenção. Isso porque sem um professor que seja um leitor assíduo, crítico e competente, a escola ficará desprovida de um profissional que possa realmente entender a complexidade do ato de ler.

Os professores precisam se instrumentalizarem adequadamente, para terem argumentos reivindicatórios, e os educandos precisam ter respeitadas suas necessidades e garantidos serviços como a sala de leitura, para que as diferenças sejam minimizadas e as oportunidades mais equitativas.

Mas humildade pedagógica, mais dinamismo, mais diálogo, mais liberdade para os alunos se expressarem, mais escuta e partilha dos significados atribuídos aos textos, mais ligação entre aquilo que se lê e aquilo que se vive estes são os caminhos para uma leitura libertaria e transformadora, tão necessária a sociedade.

Com atividade extra-classe, o professor pode realizar atividades variadas que seduzam o aluno para o livro e que constituam em desafio a sua criatividade. Propor uma produção de texto que leve o aluno a refletir, constitui também propostas para que o aluno se envolva com o livro.

Portanto, para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gesto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforços. Precisar fazê-los achar que a leitura é

algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisarão torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Considerando os resultados da pesquisa realizada, é possível se apresentar como proposta, discutir uma prática peculiar de quem lida com a formação de leitores. Peculiar porque raramente é considerada quando se trabalha com a leitura na escola. Trata-se da prática de compreensão de leitores, ou seja, aquela que primeiro ou simultaneamente se orienta por e para as experiências trazidas pelos leitores – alunos, quando se pensam nas práticas escolares de leitura com os mais variados gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

AZENHA, M. G. **Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro**. São Paulo. Ática. 1997.

BAMBENGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução: Otavio Mendes Cajado. 6ª Ed. São Paulo: Ática/Veneco. 2002. (Série Educação em Ação).

DROVET, R. C. **Distúrbio de aprendizagem**. São Paulo. Ática. 2003.